

GASPAR DA ÍNDIA: O LÍNGUA E O
BRASIL QUINHENTISTA

GASPAR FROM INDIA: THE *LÍNGUA* AND
THE 16TH CENTURY IN BRAZIL

Leonardo Ferreira Kaltner
Universidade Federal Fluminense
leonardokaltner@id.uff.br

Viviane Lourenço Teixeira
Universidade Federal Fluminense
viviane_lourenco@id.uff.br

Melyssa Cardozo Silva dos Santos
Universidade Federal Fluminense
melyssacssantos@gmail.com

RESUMO:

A partir dos fundamentos teórico-metodológicos da Historiografia Linguística (SWIGGERS, 2012; KOERNER, 1996), tecemos uma narrativa meta-histórica para descrição e análise dos relatos sobre o *língua* Gaspar da Índia, intérprete que veio na esquadra de Pedro Álvares Cabral ao Brasil, em 1500 (LIPINER, 1987). Nosso intuito é buscar identificar o perfil dos intérpretes e o pensamento linguístico derivado das expedições na era das navegações, no período que vai entre o final do século XV e o início do século XVI em Portugal. Analisamos como se deu a tentativa de contato linguístico inicial com comunidades linguísticas autóctones no processo de constituição da América portuguesa, relatado na *Carta* de Caminha (TEIXEIRA, 2019). Por fim, evidenciamos o contexto cultural e linguístico em que se inseriram as navegações, assim como a influência da educação humanística no processo de globalização quinhentista dos descobrimentos, posterior à etapa empírica (KALTNER, 2011).

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia Linguística, Contato Linguístico, Gaspar da Índia.

ABSTRACT:

From the theoretical-methodological foundations of Linguistic Historiography (SWINGGERS, 2012; KOERNER, 1996), we established a meta-historiographic narrative for description and analysis of the reports about the *língua* Gaspar of India, an interpreter who came with Pedro Álvares Cabral in the fleet which traveled to Brazil in 1500 (LIPINER, 1987). Our aim is to identify the profile of interpreters and the linguistic thinking derived from expeditions in the age of ‘discoveries’, in the period between the late fifteenth century and the early sixteenth century in Portugal. We analyze how the attempt of initial linguistic contact with indigenous linguistic communities occurred in the process of constitution of Portuguese America, reported in the *Carta de Caminha* (TEIXEIRA, 2019). Finally, we highlight the cultural and linguistic context in which navigations are inserted, as well as the influence of humanistic education in the process of 16th century globalization, the age of ‘discoveries’, after the empirical stage of communication (KALTNER, 2011).

KEYWORDS: Linguistic Historiography, Linguistic Contact, Gaspar of India.

Introdução: contextualização da época e a tradição gramatical latina

Na esquadra de Pedro Álvares Cabral, saída de Portugal em 1500, sob a bandeira da Ordem de Cristo, vieram, além dos marinheiros especialistas em navegação, dos astrônomos, do escrivão Pero Vaz de Caminha e dos missionários franciscanos, pessoas destinadas a estabelecer contato linguístico, os intérpretes, ou *linguas*. Além dos degredados, que seriam deixados na costa da América portuguesa, é registrada a presença de Gaspar da Índia, ou da Gama, conhecido intérprete, que acompanhara Vasco da Gama no retorno de sua expedição às Índias, em 1498 (BUENO, 2016, p. 22).

Gaspar da Índia é um personagem icônico do período das navegações portuguesas e sua atuação é uma demonstração do processo de globalização intercultural gerado pelo trânsito marítimo da época, na expansão das rotas comerciais dos reinos absolutistas europeus (COSTA & COSTA, 2007, p. 91). Como intérprete não possuía uma formação acadêmica específica nos séculos XV e XVI, como os humanistas passariam a desenvolver posteriormente, mas consta, pelos relatos, que dominava empiricamente as línguas necessárias para estabelecer contato linguístico com diversas comunidades nas expedições de que participou.

O pensamento linguístico de sua época estava relacionado ao contato linguístico de forma empírica, Gaspar da Índia era um *língua*, conforme metatermo quinhentista, utilizado para se referir aos intérpretes, em geral, da época das navegações e descobrimentos de que surgiu o império ultramarino português. Sua identidade cosmopolita, de cristão-novo, era o perfil dos viajantes que desbravavam novos territórios, situando-se no que Homi Bhabha define como o terceiro espaço (BHABHA, 1990), isto é, um espaço de contato, de fronteira, derivado das novas rotas marítimas comerciais e das relações interculturais, à época.

O clima intelectual da época de Gaspar da Gama é aquele relativo ao final do século XV e início do século XVI em Portugal. Essa era uma época em que a política expansionista costeira africana se desenvolvia, com grande desenvolvimento técnico para as navegações, todavia as instituições educacionais portuguesas ainda não haviam sido reformadas no padrão do humanismo renascentista. Cataldo Parisio Sículo, o primeiro humanista a atuar na corte de D. João II, em 1485, influenciou no pensamento da época, registrando alguns feitos lusitanos de navegação, em língua latina, e uma coleção de epístolas e discursos que permitem ao historiógrafo contemporâneo reconstituir o pensamento de então (TANNUS, 2007, p. 13).

Já na época de D. Manuel I, o Venturoso, a política de ‘bolseiros’, que vigorou no início do século XVI, foi uma etapa anterior à reforma universitária em Portugal, para a recepção da educação humanística. A política de ‘bolseiros’ permitia o livre trânsito e circulação do pensamento linguístico, principalmente na recepção do *modus parisiensis*, mas ainda não se configurava como uma política linguística institucional que teria impacto nas navegações e na ocupação da América portuguesa diretamente (TANNUS, 2007, p. 18).

Como centro intelectual de Portugal, na época de Gaspar da Índia, em fins do século XV e início do século XVI, se destacava a universidade em Lisboa, e uma influência do pensamento linguístico de Pastrana, em sua recepção por Pedro Rombo e António Martins¹. O contato com círculos intelectuais da Universidade de Salamanca é patente na correspondência de Cataldo Parisio Sículo, o que denota um possível contato com a tradição derivada das obras de Nebrija.

Foram publicadas, em 1497, como incunábulo, as obras portuguesas *Thesaurus Pauperum siue Speculum Puerorum editum a magistro Johanne de*

¹ RAMALHO (1971-2, p. 445): “conclui-se que a gramática de Pastrana era conhecida por três nomes, pelo menos, a saber, os de *Thesaurus Pauperum*, *Speculum Puerorum* e *Baculum Caecorum*”.

Pastrana (Tesouro dos pobres ou espelho dos meninos, obra editada pelo mestre João de Pastrana) e *Materiarum editio ex Baculo cecorum a Petro Rombo in artibus baccalaurio collecta* (Edição das matérias a partir do báculo dos cegos, coligida por Pedro Rombo, bacharel em artes). Ambas as obras didáticas para ensino de latim divulgavam o método de Pastrana, com inspiração medieval, predominando no cenário português até a publicação da *Ars Grammatica* (Arte de gramática) de Estevão Cavaleiro, em 1517. Estevão Cavaleiro criticaria profundamente o pensamento e método de Pastrana no prólogo de sua *Ars*, chamando os seguidores de suas doutrinas de bárbaros (RAMALHO, 1977/78, p. 62-3), o que configurava um embate teórico e fim desse período pré-humanístico em Portugal.

Dessa forma, a época em que Gaspar da Índia atuou como intérprete é marcada ainda pelo pensamento linguístico medieval no ensino de latim, em Portugal, o que dava margem para que um intérprete sem instrução formal atuasse nas expedições. Além dos intérpretes, os missionários franciscanos, os capitães, os astrônomos e o escrivão Caminha compunham os membros da expedição com maior propensão à educação linguística formal. Os demais marinheiros, além do português, como língua materna, poderiam deter conhecimento empírico dos dialetos de navegação do mar Mediterrâneo, do castelhano, do ladino e de línguas itálicas, como o vêneto, sendo também comum o uso do árabe e do hebraico, sobretudo por cristãos-novos, na comunicação intercultural. As primeiras gramáticas de português surgiram, posteriormente, em meados do século XVI (ROSA, 2002).

1. Os relatos sobre Gaspar da Índia e o contato linguístico na América portuguesa

Uma das fontes sobre o contato linguístico na América portuguesa é a *Carta* de Pero Vaz de Caminha, documento quinhentista largamente difundido e estudado no século XX, sobretudo após a edição de Jaime Cortesão (TEIXEIRA, 2019). No documento, há a descrição das sucessivas tentativas de entendimento pela fala entre os navegantes europeus e os indígenas nos nove dias em que durou a presença portuguesa na então Ilha de Vera Cruz quinhentista. Para analisarmos esse relato, é antes necessário contextualizar a expedição cabralina na formação do império ultramarino português.

Culturalmente, após a instituição do padroado português, no século XV, um acordo entre a Santa Sé e o reino de Portugal, a expansão ultramarina portuguesa passou a se organizar em uma perspectiva missionária para a defesa da fé cristã (REGO, 1940). A política missionária de conversão dos povos, da fundação de colônias e do estabelecimento do comércio global foi o contexto em que os *línguas* atuaram inicialmente. Os próprios missionários franciscanos atuavam como intérpretes, ou deles se valiam, no contato com as populações autóctones.

Essa matriz cultural religiosa influiria no *modus operandi* do contato linguístico e na dinâmica da interação intercultural entre os povos na época das navegações quinhentistas, tema que é investigado pela Linguística Missionária. Entretanto, cumpre salientar que Gaspar da Índia não era um missionário cristão, e sua biografia de cristão-novo e relatos da época o caracterizam como sendo judeu, em sua origem. Para alguns historiógrafos, Gaspar da Índia teria sido a primeira pessoa de origem judaica a pisar em solo brasileiro (MOURA, 2002, p. 268-269), sendo esse um dos registros do multiculturalismo da época. A conversão de Gaspar da Índia ao cristianismo é narrada por relatos quinhentistas, o que veremos a seguir.

A partir desse contexto multicultural e plurilíngue, podemos destacar a importância dos *línguas* para o pensamento linguístico no período inicial das navegações quinhentistas portuguesas. O contato linguístico intercultural por *pidgins* seria uma das bases para a expansão e manutenção do império ultramarino português, nessa primeira etapa, antes de os humanistas assumirem a tarefa de descrever as línguas mais importantes de contato. Gaspar da Índia participou de momentos cruciais nas navegações portuguesas.

Dessa forma, é necessário analisar alguns relatos acerca desse personagem, que teria recebido a missão de comunicar-se com os indígenas no Brasil, mas, devido às profundas diferenças linguísticas, não conseguiu estabelecer o contato linguístico pela fala. Na parte final dessa exposição, analisamos diferenças e igualdades que possam existir entre o metatermo *língua* dos séculos XV e XVI e o intérprete atual, seguindo o princípio de adequação teórica de Koerner (1996).

A partir dos relatos que restaram sobre Gaspar da Índia podemos reconstituir uma narrativa meta-históriográfica sobre a função e ação dos *línguas* no contexto quinhentista. Na Índia, Gaspar era conhecido pela alcunha de *xabândar* do sabaio de Goa (SILVÉRIO, 2000, p. 226-228). Essa alcunha seria relativa ao cargo administrativo que então ocupava, como chefe do porto entre os indianos, na época em que Vasco da Gama o conheceu. Era uma figura inusitada,

tornando-se personagem recorrente nas crônicas portuguesas quinhentistas. Entretanto, entre seus feitos à coroa portuguesa, estaria a participação na esquadra de Pedro Álvares Cabral em 1500.

Gaspar da Índia é citado em uma carta do rei D. Manuel I a D. Jorge da Costa, o ‘cardeal protetor’ de Lisboa na cúria romana. Essa carta foi escrita no contexto do retorno a Portugal do capitão-mor Vasco da Gama, em 1499, após sua viagem à Índia (LIPINER, 1987, p. 79). Sem citar o nome do xabândar, o rei destaca em sua missiva não só as habilidades linguísticas de Gaspar da Índia, mas também as suas habilidades de conversação e de diplomacia, que seriam aproveitadas no projeto de expansão marítima lusitano:

E sobretudo [trouxeram os homens da Gama] um outro que era judeu e já agora cristão tornado, homem de grande discrição e engenho, nascido em Alexandria, grande mercador e lapidário, o qual havia 30 anos que tratava na Índia e sabe assim esmiuçadamente toda e quanto nela há, e assim todas as terras da cerca e cousas delas desde Alexandria para lá, e da Índia para o sertão e Tartária até o mar maior, que bem se mostra achar-se aquela terra por grande mistério de nosso Senhor, para seu santo serviço e bem da cristandade, pois logo com isso ordenou de se nos trazer este homem, que a vemos acerca por tanto como todo al, porque sem ele vir estivera ainda muitos anos todo o achado por se saber tão cumprida e intrinsecamente como agora de nós é sabido, Deus seja louvado. Este homem sabe falar hebraico, caldeu, arábico e alemão, fala também italiano misturado com espanhol tão claro que se entende como um português, nem ele menos os nossos (LIPINER, 1987, p. 79-81, *apud* TEIXEIRA, 2019, p. 75).

Interessava à coroa portuguesa o conhecimento de mundo de Gaspar da Índia, pelo seu trânsito em Alexandria, na Índia, até a Tartária, e outros domínios orientais, também o seu conhecimento linguístico do hebraico, do caldeu, do árabe, do alemão, do italiano e do espanhol, sendo essas habilidades que o caracterizavam como *língua*. Ainda que não possuísse instrução formal, Gaspar da Índia já apresentava o perfil de conhecimento linguístico que se desenvolveria em período posterior com a formação dos humanistas.

A habilidade de comunicação o permitia inserir-se em comunidades linguísticas diversas, do norte da África e da Índia, principalmente pelo domínio de línguas semíticas, entretanto, não o permitiu comunicar-se com os povos indígenas da América portuguesa em 1500. Não existem relatos que citem o nome de nascença de Gaspar da Índia, apenas sempre é referido como o judeu

que se converteu ao cristianismo, tornando-se um cristão-novo. Sabe-se, porém, que é com Vasco da Gama que a sociedade portuguesa conhece o xabândar do sabaio de Goa, que mais tarde se tornaria Gaspar da Índia, ou da Gama.

De origem semítica: “nascido provavelmente no leste da Europa. Deslocou-se para Jerusalém e Alexandria e chegou à Índia, tornando-se grande conhecedor dos mercados orientais” (FARACO, 2016, p. 68), Gaspar da Índia teve seus serviços prestados ao rei de Portugal, na expansão comercial do reino lusitano:

Foi um dos mais destacados *línguas* do começo do século XVI: acompanhou a segunda frota da Carreira da Índia, comandada por Pedro Álvares Cabral em 1500 e, depois, voltou à Índia na segunda viagem de Vasco da Gama em 1502; e acompanhou ainda o vice-rei, Francisco de Almeida, em 1505 (FARACO, 2016, p. 68).

Gaspar da Índia participou ativamente nas navegações e no início das relações interculturais entre Portugal e o Oriente. Suas funções de intérprete linguístico e de intermediador cultural o fizeram ser talvez o *língua* mais notável do período quinhentista: “o *língua* nomeado mais vezes por João de Barros, aparecendo referências a ele entre 1499 e 1510 em sete momentos diferentes” (ROCHA, 2011, p. 79). O *língua* durante a época das navegações quinhentistas passou a ter o *status* de um ofício, tornando-se membro indispensável das expedições marítimas, porém, seu conhecimento ainda era empírico, adquirido apenas pela experiência de vida. Para ser um *língua*: “sua competência tinha de ser reconhecida, ou na altura da nomeação, ou após terem prestado serviços semelhantes a outras pessoas, que os recomendariam” (ROCHA, 2011, p. 101).

Constituindo-se como um ofício, a função de *língua* poderia até ser passada de geração em geração, dependendo do contexto e da época: “é conhecida a tentativa que Gaspar da Gama, *língua* do primeiro vice-rei da Índia, Francisco de Almeida, faz de passar a sua função ao filho Baltasar da Gama” (ROCHA, 2011, p. 116). Como as universidades portuguesas ainda não adotavam a educação humanística e o ensino de línguas advindo desse modelo, no final do século XV e início do XVI, os *línguas* detinham, como especialistas, em suas práticas, o conhecimento linguístico necessário para as expedições e navegações portuguesas.

Selecionamos para análise excertos de cronistas quinhentistas que permitam apresentar uma visão geral do perfil de Gaspar da Índia e de seu pensamento linguístico empírico. O fato de Gaspar da Índia ter participado da

expedição de Pedro Álvares Cabral ao Brasil o faz ser personagem importante para pesquisadores da Historiografia Linguística que tenham o Brasil quinhentista como objeto, pois é um dos representantes iniciais do multiculturalismo que teria marcado as relações interculturais luso-brasileiras no século XVI. Desde o encontro de Gaspar da Índia com Vasco da Gama, em Anagediva, até sua participação como conselheiro do vice-rei da Índia, sua biografia retrata a identidade multicultural e cosmopolita da época do Renascimento.

O primeiro registro sobre Gaspar da Índia está no relato intitulado *Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama à Índia, 1497-1499*, um manuscrito quinhentista, que foi transcrito pelo matemático Diogo Kopke e pelo botânico António da Costa Paiva no século XIX. Note-se que Gaspar da Índia se auto-determina como oriundo do Levante. O manuscrito registra o encontro entre Vasco da Gama e Gaspar da Índia, servindo de fonte também para os cronistas do reinado de D. Manuel, seu provável autor é Álvaro Velho, que o registrou como diário de bordo da esquadra de Vasco da Gama. O excerto que apresenta Gaspar da Índia faz uma descrição do *língua*:

Estando o navio do capitam mor alinpandose veo hum homem de ydade de quorenta anos, o qual falava muito bem Venezeano, todo vestido de pano de linho e hũa touca muito boa na cabeça, e hũ traçado na cinta, e como sayo fora foy loguo abraçar o capitam mor e capitãees, e começou a dizer como elle hera xrstãoo e era da parte do Levante e que viera mujto pequeno em esta terra, e como vivya com hũ senhor que tinha corenta mjll homens de cavallo o qual era mouro, e que elle asy mesmo era mouro porem que a vontade de dentro era toda de xrstãoo (KOPKE & PAIVA, 1838, p. 97-98).

Como fonte para os relatos quinhentista de antigos cronistas sobre Gaspar da Índia, nos valem da pesquisa de Elias Lipiner (1987), que descreveu em pormenores a atuação do *língua* quinhentista. Nos valem também, para a seleção de relatos e análise, da recente dissertação de Viviane Teixeira intitulada *Carta de Caminha: contato linguístico no Brasil quinhentista à luz da Linguística Ecosistêmica* (TEIXEIRA, 2019). Já as fontes primárias, utilizadas por Lipiner, foram as obras dos cronistas Gaspar Correia, Fernão Lopes de Castanheda, João de Barros, Damião de Góis e D. Jerônimo Osório, que retrataram em suas obras a expansão marítima de Portugal nos séculos XV e XVI.

Em Lipiner (1987), além dos cronistas supracitados, também são citadas obras de Américo Vespúcio que registraram as ações de Gaspar da Índia. Não

nos detemos na obra de Vespúcio, porque narra apenas os conhecimentos do xabândar, não sua origem. A única diferença notável entre o relato de Álvaro Velho e os outros relatos, que são elencados por nós, é que a confissão do judeu converso ocorre na volta da armada de Vasco da Gama para Portugal, não na ilha de Angediva, como vemos adiante, ao longo de nossa exposição e análise.

2. Gaspar Correia (1496 – c.1563)

Gaspar Correia, autor da obra *Lendas da Índia*, percorreu, pessoalmente, lugares que são os principais cenários das conquistas portuguesas pela navegação. Sua narrativa historiográfica conta que o judeu converso apareceu nas naus portuguesas quando estas estavam ancoradas na ilha de Angediva, no ano de 1498:

[...] um dia de 1498, estando a armada de Vasco da Gama ancorada na ilha de Angediva, a doze léguas da cidade de Coa, um ‘homem velho, todo branco, grande de corpo e de grande barba’, aproximou-se em sua fustinha às naus portuguesas, e chegando a uma distância que o podiam ouvir, saudou-as com fala castelhana [...] (LIPINER, 1987, p. 83, *apud* TEIXEIRA, 2019, p. 77).

O primeiro contato linguístico feito pelo “homem velho, todo branco, grande de corpo e de grande barba” se deu em castelhano, isso já começa a demonstrar o quanto o Gaspar da Índia era versado em outras línguas e na sua capacidade de comunicação direta. Ele afirmou a Vasco da Gama que estava há quarenta anos preso na ilha de Angediva, e, por fim, que se sentia feliz em ver navios da Espanha que era sua terra.

Vasco da Gama, que já tinha sido advertido sobre possíveis emboscadas, desconfia da hospitalidade de Gaspar da Índia. O capitão-mor manda prendê-lo e açoitá-lo, a fim de descobrir suas verdadeiras intenções, algo, infelizmente, comum à época. Depois de apanhar, ele confessa sua origem judaica, seu desterro de Granada e porque fora nomeado ao alto cargo de capitão-mor da armada do senhor de Goa (LIPINER, 1987, p. 84), um cargo administrativo que dava certo poder no controle do fluxo de navios na região.

Não tendo como escapar dos portugueses e temendo por sua vida, Gaspar da Índia indica onde estão escondidos os navios que serviriam de ataque à armada de Portugal. Essa informação é considerada uma aliança dele com

os portugueses. Depois que Vasco da Gama encontra e destrói os navios, dá ordens para seus marinheiros regressarem às naus e poupa a vida do judeu recém-encontrado, levando-o consigo.

Assim termina o relato de Gaspar Correia, em sua obra quinhentista. Destacamos que o cronista foi: “[...] o único entre os historiadores quinhentistas que não silenciou propositamente sobre a identidade judaica de seus personagens, [...]” (LIPINER, 1987, p. 88).

3. Fernão Lopes de Castanheda (1500-1559)

Fernão Lopes de Castanheda é autor da obra quinhentista *História do descobrimento e conquista da Índia pelos portugueses*. Assim como Correia, Castanheda esteve na Índia e relata que os portugueses viram um homem que aparentava ter uns quarenta anos, aproximadamente, e estava vestido de: “pano de algodão que lhe chegava até o artelho, na cabeça tinha uma touca enrolada em volta caprichosamente, à maneira de turbante mourisco, e um terçado na cinta” (LIPINER, 1987, p. 89). O homem se apresentara como um cristão que fora trazido à Índia, quando era criança. Tentando sensibilizar os portugueses dizia que, por causa da presença dos mouros, participava da religião desses, contudo era na verdade cristão. Esse motivo o teria levado até as naus portuguesas, pois acreditava que se tratava de uma esquadra de cristãos, gente da mesma fé que ele.

Castanheda narra que depois que falou isso, Gaspar da Índia pediu um queijo com a desculpa de que precisava levar a um companheiro, como um sinal de que estava tudo bem, essa solicitação gerou desconfiança entre os portugueses. Posteriormente a esse pedido, o irmão de Vasco da Gama, Paulo da Gama percebera o engodo: “informando-se entrementes da qualidade de seu hóspede com algumas pessoas da terra, que aí estavam, descobriu tratar-se de um capitão que estava preparando um ataque contra os portugueses” (LIPINER, 1987, p. 89).

Preso e sob ‘tormento’, Gaspar da Índia confessa ser espião do samorim de Goa, o soberano de Calicute. É na obra de Fernão Lopes de Castanheda que temos a narrativa do batismo e da adoção do nome de Gaspar da Gama pelo *língua*:

se tornou depois cristão, e Vasco da Gama que foi seu padrinho, lhe pôs nome Gaspar à honra dum dos três Reis Magos, e deu-lhe o seu apelido de Gama, e depois se disse que este Gaspar da Gama era judeu por ser achar que fora casado com uma judia que morava em Cochim (LIPINER, 1987, p. 90, *apud* TEIXEIRA, 2019, p. 78).

4. João de Barros (1496-1570)

O gramático português João de Barros foi autor também de crônicas sobre as navegações portuguesas na Ásia, com sua obra *Décadas da Ásia*, editada em quatro volumes, também conhecidos por: *Ásia de Ioam de Barros, dos feitos que os Portuguezes fizeram na conquista e descobrimento dos mares e terras do Oriente*. João de Barros não esteve pessoalmente nos locais em que se passaram as conquistas portuguesas, mas seus relatos são significativos, mesmo que encubram detalhes, como o tratamento inicial a que foi submetido Gaspar da Índia:

João de Barros costumava salientar nas suas crônicas o lado épico das navegações portuguesas, e quiçá seus aspectos místicos. Colocava sempre em evidência a dignidade na atitude de seus biografados. Foi historiador de gabinete que nunca esteve na Índia, e nunca tinha visto o que descrevia, compensando, porém, essa falha com estilo prudente e aprimorado e com linguagem rica e precisa. Por escrúpulo humanista, evitava no relato dos episódios os pormenores de crueldade e vileza, contornando-os ou adoçando-os (LIPINER, 1987, p. 90, *apud* TEIXEIRA, 2019, p. 79).

Com isso, sua versão sobre o encontro entre Vasco da Gama e aquele que viria a ser seu afilhado é um relato mais idealista do que o de outros cronistas. Outro diferencial em seu relato é a insinuação feita por Gaspar da Gama sobre: “o aspecto messiânico ou missionário das façanhas dos navegantes portugueses” (LIPINER, 1987, p. 90), isto é, há uma dimensão interpretativa nas crônicas de João de Barros, além da mera narrativa dos fatos, o que caracteriza o pensamento humanístico e intelectual de sua época.

No início da narrativa de João de Barros, segundo Lipiner (1987), é descrito que o sabaio de Goa, administrador da região, mantinha em seu exército mercenários árabes, persas e turcos, mas também alguns renegados do território

do Levante. Ao saber da chegada dos portugueses, o samorim convoca um “alto funcionário de sua administração”: Gaspar da Índia. Dessa forma, sabemos, por essa narrativa, da participação de Gaspar da Índia, como xabândar, na região de Goa.

Segundo João de Barros, ao ser questionado sobre quem seria aquela gente, o xabândar esclarece que eram portugueses e diz ao sabaio, administrador de Goa, que era interessante mantê-los a seu lado, pois eram ‘guerreiros leais’ e não deveriam ser confrontados. Uma forma de dizer que poderiam servir aos interesses do samorim, o governante de Calicute. Nas palavras de Lipiner (1987, p. 91):

respondeu-lhe o judeu que se chamavam portugueses, e, segundo sempre ouvira falar, eram guerreiros e leais ao senhor que serviam, pelo que convinha ao consultante atraí-los a seu serviço ‘porque com tais homens se podiam fazer grandes conquistas’.

Narra ainda João de Barros que por ordem do senhor de Goa, o sabaio, Gaspar da Índia parte para estabelecer contato com os portugueses recém-chegados. Ele sobe em uma colina e ergue uma cruz de pau, esse teria sido um artifício utilizado para impressionar os europeus, que ele sabia serem cristãos. Gaspar da Índia era perspicaz e experiente no trato com diversas comunidades linguísticas, sua estratégia: “para captar os portugueses para o serviço do sabaio passava por uma abordagem amigável, que lhe permitisse espiar o armamento e equipagem das naus” (SILVÉRIO, 2000, p. 229).

Vasco da Gama, o capitão da frota portuguesa, fica comovido ao ver a cruz. No entanto, pede informações aos nativos daquela terra sobre o homem. Aconselhado pelos indígenas, Vasco da Gama diz que Gaspar da Índia poderia entrar em suas naus, porém este percebe a intenção do capitão:

O cativo pediu que o não mandasse castigar, dispondo-se a revelar toda a verdade acerca de sua missão, e a aderir mesmo à grandiosa empresa marítima portuguesa, cujo *aspecto missionário* passou a salientar. Pois parecia-lhe – disse – que não era somente para salvar a alma dele que os portugueses apareceram na Índia, mas em benefício das milhares de almas dos gentios da região (LIPINER, 1987, 91; 94, *apud* TEIXEIRA, 2019, p. 79-80).

Essa perspectiva de uma função de expansão da fé nas navegações está em consonância com o que foi dito sobre o caráter missionário português e com o que afirma Lipiner (1987, p. 81): “[...] a doutrina em voga naquele tempo [final do século XV] – entre os autores eclesiásticos principalmente – de que Deus dava proteção e assistência milagrosa aos portugueses, portadores de mandato divino para a obra mística de propagar a fé nos territórios do Ultramar.”

Gaspar da Índia, em seu contato com os portugueses, pela narrativa de João de Barros, exalta os navegantes nos mistérios da fé e lhes narra a sua história:

[...] no ano de Cristo de 1450, el-rei da Polônia mandara lançar um pregão por todo seu reino que quantos judeus nele houvesse dentro de 30 dias se fizessem cristão, ou se saíssem de seu reino; e, passado este termo de tempo, os que achassem fossem queimados. Donde se causou que a maior parte dos judeus se saíram fora do reino para diversas partes, e nessa saída foram seu pai e sua mãe, que eram moradores de uma cidade chamada Bosna [Posna]. Os quais vieram ter a Jerusalém, e daí se passaram à cidade Alexandria, onde ele nasceu (LIPINER, 1987, p. 94, *apud* TEIXEIRA, 2019, p. 80).

Não há relatos, nos cronistas quinhentistas, sobre o que se passou na sua infância quando chegou criança à Índia, mas Gaspar da Índia afirma, segundo João de Barros, que depois de adulto ele ofereceu seus conhecimentos ao samorim de Calicute, e assim obtivera o cargo. Ele fora mandado até as naus portuguesas para persuadi-los, a fim de integrar o exército do samorim e se renderem.

Ao ser detido por Vasco da Gama, Gaspar da Índia apelou à misericórdia dos portugueses para não ser executado, com promessas de uma nova vida em Portugal. Depois desse episódio, Gaspar da Índia retorna com Vasco da Gama para a Europa, e o relato de João de Barros se encerra.

5. Damião Góis (1502-1574)

O humanista Damião de Góis escreveu a *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel*, entre outras obras sobre a época das navegações e dos descobrimentos. Seu relato sobre Gaspar da Índia se inicia com uma descrição da ilha de Anjediva, em que Vasco da Gama o encontrou: “pequena, de muitos arvoredos,

abundante de pescados do mar e mariscos, [...]. Situada junto de terra firme, onde Vasco da Gama mandou espalmar as naus” (LIPINER, 1987, p. 95).

Em seu relato, Damião de Góis discorre sobre o perfil de Gaspar da Índia, como criado do senhor de Goa, e descreve também o próprio sabaio. Sobre o sabaio, que administrava Goa, diz que era ‘bom cavaleiro’ e que ‘estimava muito os homens estrangeiros’². Continua afirmando que era um homem sábio, o qual tinha por intento fazer amizade com os portugueses e para isso enviara um mensageiro, Gaspar da Índia. Nas palavras de Damião Góis, o mensageiro ‘desviou-se’ do recado e, assim, levantou suspeitas por parte de Vasco da Gama que mandou detê-lo.

Já detido, Gaspar da Índia confessa que o senhor de Goa “o mandara para ver que gente havia nas naus e a ordem delas, para com este aviso as mandar cometer, e a eles, se os pudesse tomar, ter por seus soldados” (LIPINER, 1987, p. 97). Gaspar da Índia diz ao capitão português ser cristão e fala sobre sua fé em Jesus Cristo, essa interação ocorre, provavelmente, em alguma língua itálica ou em castelhano. Na narrativa de Damião de Góis não há menção em qual língua foi feita a confissão de Gaspar da Índia. Só encontramos, em Correia, uma alusão sobre a saudação que Gaspar fizera aos portugueses em castelhano³. Entretanto, Silvério (2000, p. 228) afirma: “Os vários relatos deste encontro referem que o judeu falou com Vasco da Gama em castelhano ou em italiano”.

Após o interrogatório, Gaspar da Índia confessa sua origem judaica, registrando Damião de Góis que ele era natural da Polônia, da cidade de Posna⁴. A exposição de Damião de Góis termina como os outros relatos, *i.e.*, tendo conhecido as intenções do samorim e do sabaio, Vasco da Gama parte para Portugal, levando consigo Gaspar da Índia.

6. D. Jerônimo Osório (1506-1580)

O humanista D. Jerônimo Osório, autor de *De rebus Emmanuelis Regis* (Da vida e feitos de El Rei D. Manoel), registra o último relato conhecido de cronistas portugueses quinhentistas sobre Gaspar da Índia. Sua narrativa, por fim, sobre o encontro entre Gaspar da Índia e o capitão-mor das naus portu-

² LIPINER, 1987, p. 95.

³ LIPINER, 1987, p. 83.

⁴ Damião Góis, era o único historiador que conhecia a terra ancestral de Gaspar da Gama (LIPINER, 1987, p. 95).

guesas, Vasco da Gama, foi escrito em língua latina, em obra que registra os feitos da época de D. Manuel I, o Venturoso. Por ter sido obra inspirada na narrativa de Damião Góis, não há novos detalhes sobre o encontro ocorrido em Angediva. E, assim como podemos evidenciar a partir de Damião de Góis, Osório diz que a saudação inicial fora feita em uma língua itálica⁵:

[...] do gesto deste homem, da formosura de sua **frase italiana** e do bom aviso com que correspondia a propósito a quanto lhe perguntavam, lhe inqueriu qual era a sua pátria, que ele disse ser a Itália; e que indo à Grécia com seus pais, o cativaram corsários na viagem, e de desastre em desastre viera a miséria tal que, perdidas as esperanças de revinda, lhe foi forçoso servir com o príncipe maometano (LIPINER, 1987, p. 99, grifo nosso, *apud* TEIXEIRA, 2019, p. 81).

Um aspecto relevante, na exposição do cronista, é a informação de que, depois de batizado, Gaspar da Índia serviu ao rei D. Manuel I em várias incumbências, além das navegações, atuando como *língua* e intérprete sempre quando convocado para outras expedições, o que ocorre na esquadra de Pedro Álvares Cabral. A navegação pela costa da África, na Ásia e nas Américas era um ambiente multicultural, em que Gaspar da Índia atuava. Em 1500, teria sido um dos principais personagens no desembarque na Ilha de Vera Cruz, o Brasil, ainda que seu nome não esteja citado diretamente na Carta de Pero Vaz de Caminha. Como *língua*, era um dos especialistas levados para a tentativa de contato linguístico com os povos indígenas da América portuguesa, de forma empírica, como atuava em outras situações.

Os relatos quinhentistas sobre o encontro entre Vasco da Gama e o *língua* Gaspar da Índia possuem, como pudemos constatar, pontos convergentes e divergentes. Cada cronista português, a seu modo, nos apresenta o servo do samorim de Goa que fora levado a Portugal, em 1499. O judeu convertido, depois de batizado, como cristão-novo, teve na figura de Vasco da Gama seu padrinho, aquele que encontrara em Angediva. Ao se inserir em Portugal passa não só a ter um novo nome, mas também uma nova vida. Gaspar da Gama, ou Gaspar da Índia, conquista uma posição de destaque na sociedade e na expansão ultramarina portuguesa, surgindo seu nome em diversos relatos que datam no início do século XVI, como vimos. Sua participação como intérprete na viagem

⁵ LIPINER, 1987, p. 99.

de descobrimento do Brasil é resultante de sua inserção na prática do comércio ultramarino português.

7. A expedição de Pedro Álvares Cabral e o relato de Caminha (1500-1501)

Depois do regresso e das boas notícias trazidas por Vasco da Gama, em sua busca pelo caminho das Índias em 1498, o rei de Portugal, empenhado em seu projeto de estabelecer uma rota comercial com a Índia, prepara uma nova expedição: “dessa vez sob o comando de Pedro Álvares Cabral, escolhido por D. Manoel para a transcendente missão” (LIPINER, 1987, p. 105). Gaspar da Índia participou ativamente dos preparativos da expedição de Cabral. Devido ao seu conhecimento sobre o comércio local e suas habilidades linguísticas, pois sabia falar hebraico, caldeu, arábico, alemão e italiano misturado com espanhol⁶, como supracitado.

Além das habilidades de navegação e conhecimento sobre a Índia, Gaspar da Índia toma parte na expedição comandada por Cabral não só como *língua*, mas também como conselheiro. Gaspar da Índia era um dos principais conhecedores do Oriente da corte portuguesa, na expedição de Cabral:

Composta por 13 embarcações e cerca de 1.500 homens de armas e cavaleiros fidalgos, frades, vigários, capelães, físicos e cosmógrafos, a grande e imponente armada que ia sulcar o caminho marítimo recém-aberto por Vasco da Gama, partiu numa segunda-feira, 9 de março de 1500, tendo por objetivo principal a monopolização do comércio do Oriente (LIPINER, 1987, p. 106, *apud* TEIXEIRA, 2019, p. 82).

No principal documento de 1500 que traz informações sobre esta expedição, a *Carta* de Pero Vaz de Caminha, não há referência direta ao nome de Gaspar da Índia, todavia, outros textos posteriores comprovam sua participação na frota cabralina. Nas palavras de Correia, que Elias Lipiner (1987, p. 106) reproduz, temos:

El-rei entregou ao capitão-mor [Cabral] Gaspar da Gama, o judeu – [...] – porque sabia falar muitas línguas, a que el-rei deu alvará de livre e forro, e de sua comédia

⁶ LIPINER, 1987, p. 81; SILVÉRIO, 2000, p. 229.

em terra dez cruzados cada mês, muito lhe encomendando que o servisse com Pedro Alvarez Cabral, porque se bom serviço lhe fizesse, lhe faria muita mercê; e porque sabia as cousas da Índia sempre bem aconselhasse ao capitão-mor o que fizesse, porque este judeu tinha dado a el-rei muita informação das cousas da Índia e mormente de Goa.

Oficialmente, a esquadra de Cabral teria por objetivo somente chegar às Índias orientais, sendo a passagem pelas Américas apenas um contratempo de nove dias, que o escrivão Pero Vaz de Caminha registra.

Na *Carta de Caminha* há algumas referências⁷ sobre tentativas de contato linguístico pela fala. No primeiro, Nicolau Coelho ao desembarcar na desembocadura de um rio, encontra indígenas que se situam nas margens próximas. Depois do contato visual, tenta estabelecer contato pela fala:

Traziam arcos nas mãos e suas setas. Vinham todos rijos para o batel e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pusessem os arcos; e eles os puseram. Ali não pode deles haver fala nem entendimento que aproveitasse, por o mar quebrar na costa. [...] E com isto se volveu às naus por ser tarde e não poder deles haver mais fala, por azo do mar (ANTT, 2019, p. 2).

É possível que Gaspar da Índia acompanhasse Nicolau Coelho nas interações iniciais com indígenas. Ao entrar em uma nau portuguesa, os indígenas se comunicavam apenas com o olhar e as mãos: “acenderam tochas e entraram e não fizeram nenhuma menção de cortesia nem de falar ao capitão nem a ninguém” (ANTT, 2019, p. 5). Ao desembarcarem para recolher água, os portugueses tentaram novamente o contato linguístico, sem sucesso, com um grupamento de indígenas: “ali não pode deles haver fala nem entendimento que aproveitasse, por o mar quebrar na costa.” (ANTT, 2019, p. 2).

Por fim, optaram por deixar dois degredados, e não raptaram indígenas para levar a Portugal, já que ninguém conseguia entender o que diziam:

A isto acordaram que não era necessário tomar por força homens, porque geral costume era dos que assim levavam por força para alguma parte dizerem que há aí tudo o que lhes perguntam, e que melhor e muito melhor informação da terra

⁷ O metatermo ‘fala’ é registrado em alguns momentos da *Carta*, como nas linhas do manuscrito: 67, 78, 126, 251, 511 e 738 (ANTT, 2019).

dariam dous homens destes degradados que aqui deixassem do que eles dariam, se os levassem, por ser gente que ninguém entende (ANTT, 2019, p. 11).

Após a saída da Ilha de Vera Cruz, Pedro Álvares Cabral retorna ao seu objetivo inicial de assegurar as relações com a Índia. A esquadra passa por Moçambique, Quíloa, Melinde e chega a Calicute, seu principal alvo. Em todas as estadias da frota portuguesa, Gaspar da Índia participara de maneira influente, seja quando se disfarça de mouro para avisar a Cabral sobre os planos do rei de Calicute⁸, seja quando aconselha o capitão sobre o reino de Cochim, depois do fracassado acordo entre Cabral e o samorim de Calicute⁹.

Mesmo sem a total confiança de seu capitão, o *língua* consegue convencê-lo a ir para Cochim, lá estabelecendo relações comerciais. Só depois do sucesso alcançado nessa nova rota, Gaspar da Índia ganha a confiança de D. Manuel I.

8. Gaspar da Índia e a segunda armada de Vasco da Gama (1502-1503)

Depois de incidentes com Pedro Álvares Cabral, o rei D. Manuel I, em 1502, envia novamente sua frota de vinte navios para a Índia, entretanto, dessa vez, o comando da armada portuguesa estava com o ‘Almirante dos mares do Oriente’, isto é, com Vasco da Gama, que recebera o título antes da partida. E, novamente, quem o acompanha é seu afilhado, Gaspar da Gama ou, como preferiam outros, Gaspar da Índia¹⁰.

Não cabe em nosso relato descrever as ações comerciais de que estava encarregado Vasco da Gama. Por isso, elencamos, de forma objetiva, as principais atuações do *língua* Gaspar da Índia, nessa expedição, com a finalidade de ilustrar como ocorria o contato linguístico oficial na expansão ultramarina portuguesa. Em Sófala, Gaspar da Índia estabeleceu um acordo de comércio e paz com o xeque local.¹¹ Já na ilha de Quíloa, importante porto árabe da época, serviu de intermediário entre o xeque *Habrahem* e Vasco da Gama. O almirante português exigia do chefe de Quíloa o pagamento de tributo e vassalagem para o rei de Portugal. Como o xeque se negou, o capitão o pressionou e, por fim, o

⁸ LIPINER, 1987, p. 110

⁹ LIPINER, 1987, p. 111.

¹⁰ ROCHA, 2011, p. 81.

¹¹ LIPINER, 1987, p. 146; SILVÉRIO, 2000, p. 238.

xeque aceitou o acordo.¹² Gaspar da Índia atuou como conselheiro e intérprete em toda a expedição.

9. Gaspar da Índia e a expedição de D. Francisco de Almeida, vice-rei (1505-1509)

É ainda registrada a participação de Gaspar da Índia na expedição de partida de D. Francisco de Almeida para assumir o posto de governador e de vice-rei da Índia, uma das principais expedições do reinado de D. Manuel I. Sobre essa época existem três cartas escritas pelo próprio Gaspar da Índia, na qual são registrados relatos sobre seus serviços prestados como *língua* a Almeida.¹³ A dinâmica do vice-reinado na Índia diferia grandemente da dinâmica das operações marítimas nesse período nas Américas, tendo em vista fatores culturais e linguísticos.

Listamos as principais atuações de Gaspar da Índia como *língua*, nessa expedição, seguindo os relatos de Lipiner (1987). O *língua* participou da cerimônia de posse do novo rei, Maomé Ancon, de Quíloa, alinhado à coroa portuguesa:

E, acompanhado de muitos mouros que iam a pé, vestidos mui ricamente, foi levado por toda a cidade, e Gaspar ia adiante, dizendo por aravia aos mouros com alta voz: Este é o vosso rei, obedeei-lhe e beijai-lhe os pés. Este há de ser sempre leal a el-rei de Portugal nosso senhor (LIPINER, 1987, p. 164, *apud* TEIXEIRA, 2019, p. 85).

Gaspar da Índia atuou como intérprete nas negociações de paz em Mombaça, em seguida, na partida em direção a Melinde, conseguiu mantimentos para toda a frota. Ainda, em 1505, chegam a Angediva, a ilha em que Gaspar da Índia tivera anos antes seu primeiro encontro com Vasco da Gama. Assim como em Quíloa, por conselho de Gaspar da Índia, D. Manuel I ordenara ao vice-rei que fosse construída uma fortaleza:

D. Francisco de Almeida tinha por regimento construir quatro fortalezas antes de poder intitular-se vice-rei da Índia, [...], a de Angediva foi planeada por D. Manuel I por influência de Gaspar da Índia, que defendeu a sua importância estratégica [...].

¹² LIPINER, 1987, p. 147-148.

¹³ LIPINER, 1987, p. 160.

Assim, depois de terminada a fortaleza em Angediva, D. Francisco de Almeida partiu para Cananor onde foi calorosamente recebido pelo rei (SILVÉRIO, 2000, p. 243).

Já em Cananor, Gaspar da Índia negociou o preço da pimenta com os mercadores mouros que ali viviam. Negociou com o rei local servos como mão-de-obra na construção de uma fortaleza. Também, nesse local, tem notícias de seu filho e na primeira carta que envia ao rei de Portugal o menciona e assegura a D. Manuel que este o servirá de bom grado:

E mais Senhor [...] louvado seja Deus para todo o sempre, neste porto [de Cananor] achei novas de meu filho, como chegou em este porto a cinco dias de fevereiro no ano de 1503, e logo entrou em nossa santa fé. [...]. Por isso beijo as mãos de Vossa Alteza que vos lembreis dele que é muito bom homem, e mancebo de boa condição para servir a Vossa Alteza em todas as cousas que Vossa Alteza mandar (LIPINER, 1987, p. 167, *apud* TEIXEIRA, 2019, p. 85).

A pedido de D. Francisco de Almeida, Gaspar da Índia intervém em Cochim e consegue restaurar os acordos que visavam o fornecimento das especiarias.¹⁴ O *língua* registrou também os portos da costa, fazendo mapas dos lugares em que Portugal mantinha relações comerciais, auxiliando a estruturar o comércio ultramarino:

Há notícia de um livro-roteiro provido de mapas, composto pelo próprio Gaspar, e dedicado ao rei D. Manoel, contendo informações importantes acerca das terras do Oriente. Tal obra, em manuscrito, ao que parece, sob o título *Relatio Gasparis judei indici, cuius itinerarii liber regi Portugallie mandatus est atque descriptus* (LIPINER, 1987, p. 169, *apud* TEIXEIRA, 2019, p. 86).

Gaspar da Índia zelava pelos interesses da coroa nos negócios do Oriente, por conta disso, em sua segunda carta enviada na época ao rei D. Manuel I relata as irregularidades em ‘assuntos aduaneiros’. Nas atividades de contrabando, ele aponta os nomes dos envolvidos e se cerca de inimigos.¹⁵ Temendo sofrer algum tipo de represália por parte destes, termina a sua segunda carta lembrando sua lealdade ao rei e se defendendo: “porventura alguns homens digam mal de

¹⁴ LIPINER, 1987, p. 167.

¹⁵ LIPINER, 1987, p. 170-171.

mim diante Vossa Alteza, ou escrevam, saiba Vossa Alteza que eles falam por amor que não quero consentir seus furtos e suas maldades contra o serviço de Vossa Alteza” (LIPINER, 1987, p. 173).

O tom da terceira carta, nesse período histórico, já é outro. Encontramos um Gaspar da Índia sem poder persuasivo sobre D. Manuel I. Aparecem questionamentos, por parte do *língua*, sobre as decisões do rei português, a saber, sobre a construção de uma nova fortaleza que, segundo o cristão-novo, seria em local inapropriado para proveito estratégico e comercial. Há também indagações acerca da venda de mercadorias.¹⁶

Pode-se afirmar que: “Aparentemente, o teor das cartas parece indicar que Gaspar da Índia trazia por ofício e mandado régio fiscalizar o comportamento dos portugueses e estrangeiros ao serviço da Coroa nessas paragens” (SILVÉRIO, 2000, p. 247). Devido as questões políticas que se seguiram na Índia, a principal delas o conflito entre D. Francisco de Almeida e Afonso de Albuquerque, alguns outros fatores na vida da corte portuguesa contribuíram para o declínio do intérprete.

Gaspar da Índia ficara ao lado do vice-rei que derrotado voltara para Lisboa deixando o *língua* na Índia¹⁷. Sem um protetor, em 1510, o *língua* escreve ao rei de Portugal pedindo permissão para retornar ao reino.

Não há relatos sobre a resposta de D. Manuel I, o que se tem conhecimento é que: “Entre 1510 e 1516, tanto Gaspar como Baltazar [seu filho] terão contribuído com os seus conhecimentos para o projecto do governador, já sem qualquer posição de destaque” (SILVÉRIO, 2000, p. 251) e que: “seu nome não volta a surgir nas crônicas e nos registros relativos ao governo do *terribil*, até 1515, data em que pai e filho terão regressado a Portugal, conforme parece indicar um documento emitido por ordem do governador” (SILVÉRIO, 2000, p. 250-251).

Diante dos relatos, pudemos notar o perfil das competências linguísticas dos *línguas*. Uma vez que: “o domínio da língua não era suficiente, era necessário ser *versado nos modos e costumes*” (SILVÉRIO, 2000, p.103), esses atributos pertenciam a Gaspar da Índia, que conhecia profundamente o Oriente e auxiliou a expansão comercial portuguesa. Se não conseguiu se comunicar com os povos indígenas na Ilha de Vera Cruz, isso se deu devido à grande e profunda diversidade linguística, que só seria estudada detalhadamente a partir de meados do século XVI, já com a política missionária jesuítica.

¹⁶ SILVÉRIO, 2000, p. 175.

¹⁷ SILVÉRIO, 2000, p. 249-251.

Conclusão: *língua*, um ofício intercultural

A partir do princípio de adequação teórica de Koerner (1996), podemos analisar o uso do metatermo *língua*, ou *língua*, que designava o profissional responsável pelo contato linguístico na época das navegações e dos descobrimentos portugueses, antes da tradição universitária que desenvolveria a formação de humanistas. Grosso modo, o metatermo *língua* equivale ao intérprete atual, com a diferença que a formação do *língua* era empírica e vinha justamente do convívio em diversas culturas.

Os séculos XV e XVI consagraram o uso em *língua* portuguesa do metatermo *língua* como substantivo do gênero masculino para se referir aos intérpretes na expansão ultramarina portuguesa. O metatermo é uma metonímia, de uma parte do corpo e da faculdade da linguagem, utilizada para a comunicação, referindo-se ao uso da fala para comunicação por esse oficial, que poderia ser alguém raptado ainda muito jovem em alguma aldeia, ou mesmo um marinheiro treinado. A formação de um *língua* era empírica, mas incluía uma série de habilidades, além da capacidade de estabelecer contato linguístico e ser plurilíngue.

Na política cultural de navegação luso-africana do século XV, os serviços de intérpretes foram muito úteis para a comunicação com os reinos africanos, permitindo o estabelecimento de relações comerciais duradouras, assim como uma posterior colonização. Já na América portuguesa, nenhum *língua* do contexto de navegações do Oriente conseguiu sucesso no contato linguístico inicial em 1500. João Ramalho e Diogo Álvares, o Caramuru, seriam os principais *línguas* do Brasil quinhentista, até a chegada de missionários com formação humanística, o que só ocorre em período posterior.

Para analisarmos o papel desempenhado pelo *xabandar do sabaio de Goa*, é preciso evidenciar a interação cultural que um *língua* desempenha. Depois de apadrinhado por Vasco da Gama, o *xabandar* recebeu um novo nome de batismo, Gaspar, oriundo da tradição judaico-cristã, sendo mencionado como Gaspar da Gama em diversos relatos sobre as navegações portuguesas do final do século XV e início do XVI. O trânsito entre culturas era uma das principais características de um *língua*. Sua atuação não se dava apenas como intérprete, mas era, sobretudo, um intermediador no processo de estabelecimento de comércio entre culturas diferentes e distantes, logo atuava como um diplomata.

Conforme Carlos Castilho Pais, no artigo intitulado *Nomear o Intérprete – Língua* (2002, s/p):

O termo *língua*, ele é dominante em toda a época da Expansão e Descobrimientos Portugueses. O termo refere não só o *intérprete*, com competências comunicativas através do uso de duas ou mais línguas, mas também aquele que fornece aos portugueses informações sobre a geografia, gentes, costumes e riquezas das zonas ‘descobertas’.

Pais (2002) utiliza os vocábulos *língua* e *intérprete*. Para se tornar um intérprete há determinados critérios, por isso, acreditarmos serem basilares algumas reflexões finais sobre o que vem a ser um intérprete. Há funções e características inerentes a esse tipo de profissional, que engloba na época contemporânea parte das tarefas que o *língua* quinhentista executava. Essa reflexão é necessária a fim de diferenciar o intérprete atual do *língua*, especialista em contato linguístico no período das navegações.

Para falarmos destes critérios utilizamos dados da Associação Internacional de Intérpretes de Conferência. A AIIC determina que intérprete é aquele que torna possível uma comunicação multilíngue. Esses especialistas: “aprendem a saber ouvir de forma activa o que é dito na língua de origem, i.e.: a compreender a mensagem na íntegra; no contexto em que é proferida; qualquer que seja o tema versado” (AIIC, s/d).

Para ser um *língua* no século XVI era preciso não só “conhecer um idioma e saber falá-lo”¹⁸; era preciso estar atento ao contexto e ter conhecimentos sobre a cultura dos povos que estavam em contato, além de ter a capacidade de imiscuir-se nessa cultura, pois a interação diferia do processo meramente tradutório.¹⁹ Tal assertiva dialoga com o que encontramos no site da AIIC sobre ser intérprete: “É preciso ter competências linguísticas e uma sólida cultura” (s/d).

O papel de Gaspar da Índia nas navegações foi não só o de intérprete, mas também o de conselheiro, o que se referia a seu ofício de *língua*:

Por honra de tão proveitosa viagem [segunda viagem de Vasco da Gama, 1502-1503], D. Manoel concedeu a D. Vasco da Gama e a todos os demais participantes da expedição grandes mercês e pagamentos. A Gaspar da Gama, que desde o regresso de D. Vasco de sua primeira viagem já ganhara as graças do rei, recebendo dele mercês e vantagens, foram concedidos agora novos favores (LIPINER, 1987, p. 153, *apud* TEIXEIRA, 2019, p. 89).

¹⁸ ROCHA, 2011, p. 68.

¹⁹ Para Weinreich (1953), o contato se dá nos indivíduos (na mente do falante); pois não são as línguas que entram em contato, mas sim seus falantes.

E ao servir de ‘bom grado’ à coroa portuguesa: “Gaspar tinha ascendido de sua posição de cativo ao alto cargo de conselheiro do rei em assuntos de conquista e administração” (LIPINER, 1987, p. 160).

Gaspar da Índia foi mediador na expansão e nas conquistas portuguesas:

É incluído como *língua* na expedição de Pedro Álvares Cabral, em 1500; faz parte da comitiva de Vasco da Gama na sua segunda viagem à Índia, em 1502; e desempenha funções de *língua* ao serviço do vice-rei Francisco de Almeida, em 1505, e de Afonso de Albuquerque e do Marechal D. Fernando Coutinho, em 1510 (ROCHA, 2011, p. 77-78).

O *língua* era responsável pelo contato linguístico entre a administração de reinos derivados de culturas diversas. Deveria se expressar, como o intérprete, com clareza, estilo, fluência, ritmo, entoação, precisão e fidelidade.²⁰ Esses atributos estavam relacionados a conhecer a cultura de um determinado povo²¹, o que nos séculos XV e XVI se dava de maneira empírica, pela vivência.

A partir de 1498, a escolha dos *línguas* passaria a incluir conhecimentos sobre a língua dos nativos, em um período que antecedia a presença dos jesuítas na colonização das Américas:

Não esqueçamos que nesta época diversas línguas eram utilizadas na comunicação entre os povos europeus. Por um lado, temos a língua franca, o latim, e por outro as línguas vernaculares com maior expressão que incluíam, para além do português, o castelhano e o italiano, misturando-se por vezes num idioma amalgamado que, ainda assim permitia a comunicação. Era usual, portanto, os *língua não dominarem completamente o português*, mesmo assim fazerem-se entender com os portugueses e servirem de intérpretes ao seu serviço (ROCHA, 2011, p. 78).

Por outro lado, a questão da diplomacia e a manutenção da paz era tarefa urgente do contato linguístico bem sucedido, em regiões muito afastadas da Europa: “conhecer e entender os traços culturais do *Outro* de modo a respeitar

²⁰ ROCHA, 2011, p. 75.

²¹ Para ser *língua*/intérprete, consoante, Sara Maria Milreu Casais de Almeida Rocha (2011, p. 83), é preciso ter conhecimentos que perpassam questões linguísticas. Em suas palavras: “o conhecimento de uma língua estrangeira não é suficiente para um bom *língua*, é necessário, aliás imprescindível na maioria das vezes, também ser versado nos modos e costumes para desempenhar essa função com eficácia”.

os costumes e exercer uma efectiva e eficaz acção intermediária que permitisse a consecução dos objetivos diplomáticos pretendidos” (ROCHA, 2011, p. 78).

A expansão marítima portuguesa teve seu início em 1415, perdurando até 1580, na época da União Ibérica. Iniciou-se com D. João I, ao conquistar Ceuta; passa por D. Afonso V, que continua com o propósito de ampliação de territórios na África; e chega ao ‘Príncipe perfeito’.

É, porém, no reinado de D. João II, que perdurou de 1481 a 1495, que alguns dos mais importantes acontecimentos aconteceram no mundo ocidental: a descoberta das Américas, em 1492 e o Tratado de Tordesilhas, em 1494, que passam a conectar os continentes pelo mar. É, nesse contexto, que D. Manuel I, ‘O Venturoso’ alcança, através de seu capitão-mor, Vasco da Gama, o tão sonhado caminho para as Índias. Ainda em seu reinado ocorre a descoberta do que Jaime Cortesão (1967), chama de novo mundo, no sentido humano²²: a descoberta do Brasil.

No Brasil quinhentista, o cristão-novo Gaspar da Índia, intérprete oficial da esquadra portuguesa, não conseguiu efetivamente manter comunicação com os povos indígenas. Não podendo atingir a fala dos povos das Américas, não conseguiu detalhar mais o contato para o escrivão Pero Vaz de Caminha. Missionários com formação humanística, como José de Anchieta, conseguiriam posteriormente, ainda no século XVI, um contato linguístico efetivo com as populações indígenas costeiras do Brasil quinhentista.

Referências

- AIIC. **O que é ser intérprete de conferência?** Perguntas frequentes. Disponível em: <<https://aiic.net/page/2040/>>. Acesso em: 22 de janeiro de 2018.
- ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO (ANTT). **Carta de Pêro Vaz de Caminha**. 1 de maio de 1500. Atualização do texto M. Viegas Guerreiro. Disponível em: <<http://antt.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/17/2010/11/Carta-de-Pero-Vaz-de-Caminha-transcricao.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2019.
- BHABHA, H. The Third Space: interview with Homi Bhabha. In: RUTHERFORD, J. **Identity: community, culture, difference**. London: Lawrence & Wishart, p. 207-221, 1990.

²² CORTESÃO, 1967, p. 126.

- BUENO, Eduardo. **A viagem do descobrimento** [recurso eletrônico] um outro olhar sobre a expedição de Cabral. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2016.
- CORTESÃO, Jaime. **A obra de Pero Vaz de Caminha**. Lisboa: Portugália, 1967.
- COSTA, João Paulo Oliveira & COSTA, Teresa Lacerda. **A Interculturalidade na Expansão Portuguesa: séculos XV-XVIII**. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, 2007.
- KALTNER, Leonardo Ferreira. **Brasil e Renascença**. Curitiba: Appris, 2011.
- KOERNER, E. F. Konrad. Questões que persistem em historiografia linguística. **Revista da ANPOLL**. Florianópolis: ANPOLL, trad. Cristina Altman, n. 2, p. 45-70, 1996.
- KOPKE, Diogo & PAIVA, António da Costa. **Roteiro da Viagem** que em Descobrimto da Índia pelo Cabo da Boa Esperança fez Dom Vasco da Gama em 1497. Porto: Typographia Comercial Portuense, 1838.
- LIPINER, Elias. **Gaspar da Gama: um converso na frota de Cabral**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- MOURA, Hélio Augusto de. Presença judaico-marrana durante a colonização do Brasil. **Cadernos de Estudos Sociais**. Recife: Fundação João Nabuco, v. 18, n. 2, p. 267-292, 2002.
- PAIS, Carlos Castilho. Nomear o Intérprete. **Língua**, Revista Digital sobre Tradução. Lisboa: Instituto Camões, n. 1, maio de 2002. Disponível em: <<http://cvc.instituto-camoes.pt/olingua/01/lingua2b.html>> . Acesso em: 22 de janeiro de 2018.
- RAMALHO, Américo da Costa. A introdução do humanismo em Portugal. **Humanitas**, Coimbra, Universidade de Coimbra, n. 23/24, p. 435-452, 1971/2,.
- RAMALHO, Américo da Costa. Um capítulo da história do humanismo em Portugal: o prologus de Estevão Cavaleiro. **Humanitas**. Coimbra: Universidade de Coimbra, n. 29/30, p. 51-74, 1978.
- REGO, António. **O Padroado Português do Oriente**. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1940.
- ROCHA, Sara Maria Milreu Casais de Almeida. **Dinâmicas de poder dos intérpretes/língua portuguesas na Ásia de João de Barros**. Lisboa: Universidade Aberta de Lisboa, dissertação (Mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares), 2011. 136f.
- ROSA, Maria Carlota. Uma arte para aprender a ler quinhentista. In: CAGLIARI-MASSINI, Gladis et al. (org.). **Descrição do português: linguística**

- histórica e historiografia linguística. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, p. 141-157, 2002.
- SILVÉRIO, Silvína. Gaspar da Índia. In: COSTA, João Paulo Oliveira e (org.). **Descobridores do Brasil: exploradores do Atlântico e construtores do Estado da Índia**. Lisboa: Sociedade Histórica da Independência de Portugal, p. 225-253, 2000.
- SWIGGERS, Pierre. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. **Confluência**. Rio de Janeiro, Linceu Literário Português, n. 44/45, p. 39-59, 2013.
- TANNUS, Carlos A. K. Um olhar sobre a literatura novilatina em Portugal. Calíope, **Presença Clássica**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, n. 16, p.13-31, 2007,.
- TEIXEIRA, Viviane Lourenço. **Carta de Caminha: contato linguístico no Brasil quinhentista à luz da linguística ecossistêmica**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem), 2019, 125f.
- WEINREICH, Uriel. **Languages in contact: findings and problems**. Nova York: Linguistic Circle of New York, 1953.

Recebido em 11 de setembro de 2019.

Aceito em 28 de outubro de 2019.